

## 100 ANOS DE (IM)PERMANÊNCIA DE EUCLIDES DA CUNHA: AMAZÔNIA E NORDESTE

MILZA BARRETO - EMBRAPA/Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
milzabarreto@cpafap.embrapa.br

### Resumo

O trabalho investiga o pensamento de Euclides da Cunha sobre a mão-de-obra dos nordestinos dos sertões empregada nos seringais amazônicos. Segundo Cunha (1966): *“O sertanejo emigrante realiza uma anomalia sobre a qual nunca é demasiado insistir: é o homem que trabalha para escravizar-se. Enquanto o colono italiano se desloca de Gênova a mais remota fazenda de São Paulo, paternalmente assistido pelos nossos poderes públicos, o cearense efetua, à sua custa, desamparado, uma viagem mais difícil, em que os adiantamentos feitos pelos contratadores insaciáveis, inçados de parcelas fantásticas e de preços inauditos, o transformam as mais das vezes em devedor para sempre insolvente”*.

O recurso metodológico se baseia na análise da migração nordestina para a Região Norte, Amazônia, como fonte de mão-de-obra empregada na cultura da seringueira (*Hevea brasiliensis*) e pesquisa bibliográfica para seleção de citações e pensamentos euclidianos sobre a temática em foco.

No Nordeste, a imagem dos latifúndios litorâneos, com imensos canaviais e, também, a aridez das terras sem água dos sertões. Em contraste, a ilusão, na Amazônia, de uma vida menos árdua nos campos de seringais, que na prática, significou o regime de semi-escravidão dos sertanejos. Segundo Rabello (1983): *“Não é para admirar que a Amazônia fosse, uma outra Canaã para as populações flageladas do Nordeste. Mas o que esperava o emigrante sertanejo estava longe de corresponder ao seu sonho. A Amazônia era mesmo uma miragem para os que alugavam os braços nos seringais”*.

Na prática, o emprego dos sertanejos nos seringais ocorreu em condições desumanas, pouca alimentação, doenças e, principalmente, o desaparecimento dos sonhos de fortuna e bem-aventurança. Nesse contexto, desmistificando a colonização da Amazônia pelos homens dos Sertões, Euclides da Cunha revela a realidade socioeconômica brasileira.

## I - (im)Permanência de Euclides da Cunha

Euclides, o homem relutante entre a engenharia e a literatura, escritor de *Os Sertões*, o relato do massacre de Canudos. Euclides, o denunciador do tratamento nos seringais amazônicos. Euclides, o ecologista, que antecipa a discussão ecológica, tendo como centro o homem. Euclides, o poeta, que escreve versos para aplacar a fúria interna diante das iniquidades do mundo. Enfim, Euclides, o homem múltiplo, que em 100 anos de ausência, marca presença pelos escritos imortalizados nas páginas da literatura e ciência.

Euclides, o sociólogo, ao protestar contra as desigualdades sociais e econômicas em favor dos trabalhadores dos seringais, assim como dos jagunços de Canudos. Rabello (1983) afirma que: “*A miséria brasileira sempre despertou em Euclides as suas melhores reservas de humanidade (...) Nunca a sua voz faltou, como um protesto contra todas as modalidades de exploração do homem pelo homem*”.

Euclides da Cunha, seduzido pela ideologia do colonialismo baseada na concepção de que determinadas áreas estão condenadas pelas condições climáticas: os tristes trópicos de Claude Levi Strauss. Igualmente, assimila às idéias do determinismo biológico e fatalismo de raça. O preconceito cientificista fundamentado na descrença da capacidade dos povos de sangue híbrido. Numa condenação ao cruzamento racial, Euclides (1966) afirma: “*A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos prejudicial. A mestiçagem extremada é um retrocesso. De sorte que o mestiço, traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares é, quase sempre, um desequilibrado*”. No entanto, numa atitude ambivalente, ora de valorização, ora de desprezo, reconhece que os mestiços não se reduzem a uma “sub-raça forte” ou “subcategoria étnica”. A evidência pela superação das adversidades nas terras secas. Em *Os Sertões*, Euclides (1966) afirma: “*O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo dos mestiços do litoral. A sua aparência, entretanto, no primeiro lance de vista, revela o contrário (...) No revés o homem transfigura-se e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias*”.

Na missão à Amazônia, Euclides da Cunha fora ao extremo-norte demarcar o traçado de um rio e desvendar às cabeceiras desconhecidas. Não levava apenas os instrumentos de precisão, mas, sobretudo, espantados olhos de observador. Para Rabello (1945): “*A outro viajante mais apressado ou mais descuidado essa natureza pareceria só como num estado de preparação para a vida: o homem, os animais e as plantas vivendo quase do favor das águas. Para Euclides não. Ele viu o drama do homem no seu desesperado esforço de sobrevivência*”

## II - Homens do Nordeste e terras da Amazônia

A colonização dirigida implantada pelo Governo Federal, ainda, no período do regime militar, para justificar a migração dos homens do Nordeste para preencher o ‘vazio territorial’, a Amazônia. Desconsiderando a existência dos povos indígenas e dos habitantes locais, os caboclos. Os sertanejos, na tentativa de driblar a pauperização, decorrente da ausência de trabalho em determinados períodos do ano, a sazonalidade da cana-de-açúcar, recorrem ao deslocamento para terras distantes, a Amazônia.

Na perspectiva da esfera pública, a colonização via deslocamento dos “homens sem terra” do Nordeste para as “terras sem homens” da Amazônia é apresentada como alternativa para sufocar tensões sociais. O conflito, nos campos, a multiplicação do número de trabalhadores sem acesso à terra. Nas cidades, os excedentes de mão-de-obra não absorvidos pela indústria. Afirma Rabello (1946): *“O sertanejo que se dispusera a penetrar na Amazônia dificilmente conseguia adaptar-se às condições nosológicas da região. Em regra, sucumbe às febres ou ao regime de carência. A terra recém-aberta ao povoamento estava longe de ser um leito macio para seus desbravadores. É ainda um pantanal que espera os mais elementares cuidados de engenharia sanitária. A umidade e o calor são alimentos de cultura ideal aos germes mortíferos. Por outro lado, nenhum esforço realiza o colono para adaptar-se à sua nova condição de vida. Continua com os seus antigos hábitos: a mesma alimentação, o mesmo vestuário, o mesmo tipo de habitação. A terra e o homem não se aproximam nem se entendem reciprocamente”*.

A ocupação do território nacional pela colonização amazônica, identificada como válvula de escape para as tensões sociais das áreas super povoadas do Nordeste brasileiro. Segundo Prado Jr. (1970): *“O aspecto econômico-financeiro do Estado se organizara em função da grande lavoura. E não havia mesmo o menor interesse, ao contrário, em favorecer o pequeno proprietário, para a classe dominante, os fazendeiros, o que convinha eram simples assalariados”*.

A conquista da Amazônia sob alegação de segurança das fronteiras nacionais. A colonização, como política pública, encobria os propósitos de avanço do capitalismo. Para Rabello (1983): *“O regime latifundiário estaria em correspondência com as incertezas do meio físico e com a escassez de trabalho nem sempre compensadora, nem sempre favorável a uma distribuição equitativa da riqueza e a um equilíbrio mais estável dos grupos sociais. Por sua vez, a falta de comunicações com a faixa litorânea e com os núcleos de população mais densa, tornava os sertanejos distantes, não apenas quanto ao espaço,*

*mas distantes quanto à cultura. Diria Euclides que o tempo parecia não ter corrido sobre a sociedade dos sertões. É certo porque os sertanejos viviam sujeitos tanto à prepotência dos senhores, como ao rigor da terra”.*

A ocupação da fronteira agrícola, pelos nordestinos servia à expansão do capitalismo no campo. A intervenção do Estado orientada para disciplinar às relações entre capital e trabalho, mantendo intocado o terceiro fator de produção, a terra. Segundo Becker (1990): *“A ocupação da Amazônia se torna prioridade máxima após o golpe de 1964, quando, fundamentado na doutrina da segurança nacional, o objetivo básico do governo militar torna-se a criação de um projeto de modernização nacional, acelerando uma radical reestruturação do país”.*

Para Ianni (1979), na imensa região amazônica, nas terras-do-sem-fim, prevaleceu o interesse político e econômico empresariais. Para os nordestinos, a corrente migratória, a representação da esperança de dias menos penosos. As selvas amazônicas devoraram às criaturas do Nordeste brasileiro. Segundo Castro (1992): *“Afirmava Euclides da Cunha que não conhecia na história exemplo mais anárquico de emigração do que a realizada entre o Nordeste e a Amazônia”.*

### III - Sertões e Seringais: Nordeste e Amazônia

Euclides da Cunha, sensível à miséria dos seringueiros da Amazônia, como outrora, havia sido receptivo à luta dos habitantes de Canudos. Denuncia às condições de sobrevivência nos seringais, com outrora, no massacre aos seguidores de Antônio Conselheiro. Segundo Rabello (1983): *“Os sertanejos famintos e quase nos ossos, que enchiam a terceira classe de navios que iam a Belém, não mudavam a sua condição de paria. Aí aguardavam-nos os intermediários que os metiam em gaiolas para a viagem demorada até o Alto Juruá e o Alto Purus. Muitos deles não suportavam a travessia: as febres completavam a obra da fome sem que eles vissem os horizontes da Canaã”*.

Os nordestinos nos seringais numa situação inóspita pela ausência de dignidade e aborto das esperanças futuras de dias menos secos. Castro (1992): *“Dos retirantes que, acossados pelo flagelo, em suas múltiplas investidas, se dirigiram para a Amazônia atraídos pela miragem do ‘ouro branco’ calcula-se que meio milhão foi dizimado pelas epidemias, pelo paludismo, pelas verminoses e pelo beribéri. O grosso dos casos de beribéri verificados na epidemia que assolou a Amazônia, durante o ciclo da borracha, era formado por nordestinos da área da seca. Sertanejos que chegavam ao inferno verde”*. Uma analogia ao poema *O Bicho* de Manuel Bandeira:

*Vi ontem um bicho  
Na imundície do pátio.  
Catando comida entre os detritos  
Quando achava alguma coisa  
Não examinava, nem cheirava:  
Engolia com voracidade.  
O bicho não era um cão,  
Não era um gato  
Não era um rato.  
O bicho, meu Deus, era um homem.*

Protesto contra a labuta nos seringais, e exploração física e monetária de homens que conheciam a dureza dos sertões. O trabalho nos seringais é escravidão. O ofício da miséria, fome e doença no emprego da mão-de-obra nordestina nas seringueiras amazônicas. Para Freyre (1980): *“O*

*Euclides da Cunha preocupado com o futuro da Amazônia era o mesmo Euclides da Cunha em quem o drama de Canudos despertara o mais intenso dos brasileirismos”.*

Agora, na Amazônia, a soja engorda o gado, esquece o alimento do homem e serve aos princípios da exportação. No que diria Josué de Castro em *Geografia da Fome*, a falta de comida ainda é tema atual. Nos sertões nordestinos e nas paragens amazônicas, a fome é prato do dia. Segundo Castro (1992): *“Não é somente agindo sobre o corpo dos flagelados, roendo-lhes as vísceras e abrindo chagas e buracos na sua pele, que a fome aniquila a vida dos sertanejos, mas também atuando sobre o seu espírito, sobre sua estrutura mental, sobre sua conduta social. Nenhuma calamidade é capaz de desagregar tão profundamente e num sentido tão nocivo a personalidade humana como a fome quando alcança os limites da verdadeira inanição. Fustigados pela imperiosa necessidade de alimentar-se, os instintos primários se exaltam e o homem, como qualquer animal esfomeado, apresenta uma conduta mental que pode parecer a mais desconcertante”.*

Na Amazônia, o gado solto, animal andarilho, comendo pastagens, adentrando nos campos cultivados pelo homem. A pecuária extensiva para lucro do pecuarista. Segundo Meirelles Filho (2004): *“Se os bois estão comendo a Amazônia, é porque há um mercado ávido por comer mais carne, e carne mais barata. Como o preço da carne bovina da Amazônia não contabiliza os custos ambientais, aliás, nenhuma carne de qualquer tipo considera as externalidades (como os economistas denominam os custos externos não incorporados), derrubar a maior floresta tropical do globo sai de graça para o pecuarista”.*

Na Amazônia, a extração de minérios. Imagem de modelo exploratório, sem resultar em desenvolvimento para a população local. As madeiras nobres derrubadas no solo. A floresta deitada pelo golpe das motosserras e as bocas das caldeiras famintas por tocos de madeiras. No escrito *Fazedores de Desertos*, antecipa questões cruciais como a preservação do meio ambiente. A intervenção do homem sobre a natureza: os solos férteis transformados em desertos estéreis; as geleiras em degelo; as espécies extintas da flora e fauna. A ação do homem sobre a natureza provoca desequilíbrios ambientais com repercussões na esfera econômica. Cunha (1966) alerta: *“Reincidentes no erro, à inconveniência provada das lavouras ultra-extensivas e ao cautério vivo das queimas, aditamos o desnudamento rápido das derribadas em grande escala”.*

A pecuária adotada como linha mestra na promoção da integração nacional. A atuação do poder público, no âmbito socioeconômico, revela as duas faces da moeda: autoritarismo para o homem do

campo e protecionismo para as empresas privadas. Na Amazônia, as guerrilhas e o narcotráfico nas fronteiras sem proteção, livre aos ingressos estrangeiros. O tráfico de animais, a perda da biodiversidade e o cativeiro da fauna, pedido de socorro e resgate aos defensores da vida animal.

A terra cobiçada e concentrada, modelo fundiário em latifúndios. Cercados de ilhas de pobreza: pouco chão para muitos e muitos chãos para poucos. Segundo Rabello (1945): *“Assim é que em mil novecentos e poucos Euclides da Cunha pedia uma lei de trabalho que regulasse as relações entre patrões e seringueiros do Amazonas. E as soluções que propôs, naquele tempo, não foram apelos sentimentais, mas uma corajosa defesa do homem espoliado em seus direitos elementares. Não é outro o alcance das medidas que sugeriu aos poderes públicos, medidas radicais que não modificariam somente as relações particulares, de indivíduo a indivíduo. Essas medidas afetariam certamente toda a organização social de uma região abandonada”*.

#### **IV-Considerações Finais:**

Euclides, olhando a Amazônia, desembaraçado da surpresa da paisagem estranha e tropical, se surpreende com a vida dos homens que trabalham sem possibilidade de vitória sobre a terra. E clama, como em *Canudos: diário de uma expedição (1966)*: “*O que está destruindo neste momento não é o arraial sinistro de Canudos: é a nossa apatia enervante, a nossa indiferença mórbida pelo futuro, a nossa religiosidade indefinível difundida em superstições estranhas, a nossa compreensão estreita da pátria, mal esboçada na inconsistência de uma população espalhada em país vasto e mal conhecido; são os restos de uma sociedade velha de retardatários tendo como capital a cidade de taipa dos jagunços*”

Euclides da Cunha não ficaria imune à exploração nos seringais pelos sertanejos na conquista dos mistérios amazônicos. Segundo Rabello (1983), “*Euclides, em dois meses, amadurecera para o resto da vida. O espetáculo da luta, o incêndio do arraial, a morte dos amigos, a bravura dos jagunços, a crueldade das degolas, a fadiga das longas caminhadas e o desconforto dos dias de acampamento, teriam de abalar-lhe intensamente os nervos; cavar-lhe rugas muito fundas*”.

O sonho transformado em árdua realidade, as secas do Nordeste equivalem ao regime de escravidão nos seringais, no comércio dos subprodutos: madeira, óleo, fármaco e, principalmente, látex (borracha). Aos sertanejos restava a escolha: retorno às terras dos sertões ou a semi-vida nas paragens amazônicas.



## V-Referências Bibliográficas:

BECKER, B. K. **Amazônia**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1900.

CASTRO, Josué. **Geografia da Fome**. Rio de Janeiro: Gryphos, 1992.

CUNHA, E. da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1966.

\_\_\_\_\_. **A Margem da História**. In: *Obra Completa - Euclides da Cunha*, Vol. I, Rio de Janeiro: Editora Companhia José Aguillar, 1966.

\_\_\_\_\_. **Contrastes e Confrontos**. In: *Obra Completa - Euclides da Cunha*, Vol. II, Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1966.

FREYRE, G. **Seleta para jovens**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980

IANNI, O. **Colonização e contra-reforma agrária na Amazônia**. Petrópolis, Vozes, 1979.

MEIRELLES FILHO, J. **O Livro de Ouro da Amazônia: mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

RABELLO, S. de L. **Euclides da Cunha**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983.

\_\_\_\_\_. **Antecipação de Euclides da Cunha**, Diário de Pernambuco, Recife, 1945.

\_\_\_\_\_. **Euclides da Cunha e o mistério da Amazônia**. Diário de Pernambuco, Recife, 1946.

PRADO JR, C. **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, IBGE, 1970.